

As atividades realizadas na UNIFESP/Baixada Santista relacionadas a um projeto político-pedagógico inovador para a formação em saúde tem se mostrado um lugar profícuo não só para o ensino e a formação de habilidades necessárias ao trabalho em saúde, mas também por se configurar como um espaço de trocas e abertura a diversidade de experiências para todos aqueles que possam estar envolvidos, como estudantes, docentes, pessoas acompanhadas e os serviços de saúde da cidade.

Uma das atividades que possibilita o entendimento dessa prática de maneira mais complexa seria a proposta do módulo “Prática clínica integrada: análise de demandas e necessidades em saúde” do segundo ano de graduação do eixo “Trabalho em saúde”. Nesse módulo, estudantes dos seis cursos (Ed. Física, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional) acompanham em duplas mistas uma pessoa/família indicada pelo serviço de saúde em uma de três regiões em situação de vulnerabilidade social visitadas na cidade de Santos/SP.

Esse acompanhamento, através de encontros domiciliares quinzenais, tem como objetivo a aproximação com as necessidades e demandas de saúde da população bem como com os recursos existentes para atendê-las, e um melhor entendimento da complexidade dos determinantes do processo saúde-doença-cuidado. Essa aproximação é realizada através da construção conjunta de uma narrativa da história de vida da pessoa/família acompanhada durante o semestre. Durante essas visitas, essa narrativa é construída utilizando as questões de saúde como fio condutor em conjunto com a pessoa/família acompanhada, dando aos estudantes a possibilidade de se aproximar dessa história, ampliando assim também o entendimento das questões sociais e econômicas que atravessam a saúde.

Construir narrativas de trajetória de vida, além de promover uma nova possibilidade de formação em saúde, parte de um simples pressuposto: o *encontro*. Essa construção é produzida, antes de tudo, através da possibilidade desse encontro que se dá quando há a aproximação desses estudantes com as pessoas da região escolhida a ser visitada. Ao abrir a porta para a entrada dos estudantes, abre-se também uma possibilidade de se recolocar a maneira de entender a própria vida, e para os estudantes de poder entender a saúde como uma situação que tem contexto dentro de um enredo. Esse espaço pode ser rico também pelas potencialidades que existem nos inesperados, nas conversas que fogem da temática das questões de saúde e na entrada que há no cotidiano do outro. Essa troca que não pode ser medida fica para aqueles que a partilharam, muitas vezes escapando ao escrito e também ao dito, demonstrando ao longo de seu curso algo que se cria e traz algo que gera, por que não, saúde?

Desse modo, essa pesquisa de TCC* tem como tema esse *encontro* entre estudantes e usuários proporcionado pela construção da narrativa de vida, olhando para a sua potência de intervenção, seus desdobramentos e como essa experiência pode promover certa saúde. Parte-se da idéia que é possível entender

essa atividade como mais do que uma mera prática acadêmica, porém também como possível disparadora de diversas outras potencialidades, como a construção de novas sensibilidades e encontros com o outro, que podem surgir nesse novo lugar construído pela Universidade e as regiões que com as quais interage.

Experiência aqui é entendida como a possibilidade de que algo nos passe, nos aconteça, nos toque. Portanto ela não é hegemônica ou é algo sempre esperado, pois ela também depende de uma abertura de “parar para sentir, ... suspender o juízo, ... o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza...”(Bondía, 2002). Nessa experiência foi necessário aprender a habitar um território existencial, processo de transformação que acontece durante o processo de pesquisa, pois é nele que se desconstrói uma possível hierarquia diante do objeto, fazendo com que não se pesquise sobre, mas com algo (Alvarez e Passos, 2009).

Para discutir esse tema parte-se da *cartografia*, prática que reverte o sentido do método, privilegiando o caminho a ser traçado, pois a preocupação seria em acompanhar processos. Ela coloca a indissociabilidade entre conhecer e fazer, apostando assim, que toda pesquisa é por si só uma forma de intervenção, tratando-se de um movimento diferente ao que se coloca normalmente, pois se entende que é necessário transformar para conhecer e não conhecer para transformar. A precisão do método não seria sinônima de sua exatidão, mas sim, do compromisso e interesse, da implicação com a realidade e na intervenção (Benevides e Passos, 2009).

Partindo desses pressupostos, foram realizadas entrevistas com uma dupla de estudantes de cada região e com as respectivas pessoas acompanhadas do ano de 2009, ainda em andamento. Além disso, no decorrer do projeto houve a possibilidade do acompanhamento das atividades em uma das turmas em curso em 2010.

Para iniciar a investigação foram realizados diários de campo, pois se entende que essas anotações são importante para a produção de dados da pesquisa, podendo transformar observações e situações captadas no campo em conhecimento, havendo assim “a transformação de experiência em conhecimento e de conhecimento em experiência” (Benevides e Passos, 2009).

Dentro desse início de investigação é possível destacar algumas falas e situações que chamam a atenção e trazem nuances desse encontro ou de seus efeitos nas pessoas envolvidas. Um desses casos foi a entrevista com uma dupla de irmãs que foram acompanhadas no ano de 2009, que apesar de relatarem diversas situações interessantes desse processo de construção da narrativa de história de vida, deixou como marcante um gesto e uma fala, “a nossa história está toda aqui!”, trazendo a narrativa escrita pela dupla de estudantes e apontando para ela ao longo de toda entrevista. Essa situação emblemática pode trazer uma das riquezas desse encontro e da potência de intervenção da narrativa. Pois por mais que essa história não tenha parado no tempo depois dessa experiência, ela

tem seu significado pelo trabalho dessa construção conjunta, onde os narradores são tanto os acompanhados quanto os estudantes. Pois “a narrativa ... não está interessada em transmitir o ‘puro-em-si’ da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin,1985). Portanto a narrativa, antes de tudo, tem como preceito a experiência, e essa por sua vez depende do encontro e a abertura ao que nele se passa.

Outro destaque seria a própria posição do pesquisador desse projeto, pois ao acompanhar a atividade em curso, surge a possibilidade da construção de um novo lugar, um lugar híbrido, que não é nem o do estudante e nem o do docente. É um lugar construído a partir da vivência atual e das experiências anteriores no próprio módulo, sendo que esse olhar se constrói ao longo do percurso, sem perder de vista o que já foi vivido como estudante do segundo ano. Descarta-se, portanto, um possível lugar de neutralidade ou mesmo a suposição de sujeitos ou objetos, pois essa barreira é derrubada nessa vivência. A construção desse lugar tem sido uma experiência muito interessante, pois aproxima do que é vivido no cotidiano da atividade, além de criar novas possibilidades de contato com o que acontece nesse processo. Assim ao mergulhar no campo surgem diversas oportunidades, como a colaboração na supervisão dos estudantes, o acompanhamento do surgimento dessa relação entre acompanhados e estudantes, além de se constituir como um mais um espaço, além do docente, de apoio e orientação.

Para acompanhar o processo de pesquisa também foram tiradas fotografias nas entrevistas, no contexto onde foram feitas e do acompanhamento das atividades em 2010. A idéia é fazer uma narrativa fotográfica dessa experiência, utilizando a imagem não como mais um instrumento de análise, mas sim como uma outra forma de narrativa que é contada com o corpo, a paisagem, as imagens que se formam no momento de interação com esses personagens. Ela possibilitaria tanto trazer uma dimensão invisível do cotidiano que revela mesmo em formas familiares do mundo outra realidade, quanto um olhar diferente para aquilo que é comum (Frayze-Pereira, 1990).

Referências Bibliográficas

ALVAREZ, J. PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: Passos, E; Kastrup, V; Escóssia, L.(org.). Pistas do método da cartografia. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BENEVIDES, R., PASSOS, E. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: _____. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BENJAMIN,W. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras Escolhidas: Magia, Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev.Bras. Educ., jan/fev/mar, 2002.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Psicologia e Fotografia: revelações. In: S. Lancetti. (Org.). Saúde e Loucura. São Paulo: Hucitec, 1990.

*Projeto vinculado à pesquisa "Formação para o trabalho em saúde: a experiência em implantação nos cursos de graduação - Educação Física, Nutrição, Fisioterapia, Psicologia e Terapia ocupacional da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista", financiada pelo CNPq, processo n 479031/2008 8.